

AFILOSOFIA POSITIVISTA E SUA DIFUSÃO POR MARTINS FONTES

Rui CALISTO

*“No silêncio do gabinete, sem dormir,
sem comer há três dias, um velho,
absorto, tendo a terra toda, a criação
inteira no saber que encerra o seu
crânio firmamental, sonha, resume,
sintetiza, ascende pela seriação
hierárquica à estética, levanta o
Templo da Humanidade!
Quem és tu, Cavaleiro-filósofo, ó Pai
do nosso espírito?
E, através das eras, como um eco
perene, a voz do Grande-Ser: Augusto
Comte”.*

Isidoro Auguste Marie François Xavier Comte, ou simplesmente **Augusto Comte**, como foi de seu desejo, nasceu em Montpellier, França, a 19 de Janeiro de 1798. Aos dezesseis anos, pelos idos de 1814, ingressa na Escola Politécnica de Paris, esse estabelecimento de ensino, infelizmente, dois anos depois, aquando da derrota de Napoleão Bonaparte e da Santa Aliança, teve suas portas temporariamente encerradas, os conflitos reaccionários que na ocasião assolaram a Europa repercutiram ali negativamente.

Sozinho, Augusto Comte decidiu seguir como autodidacta. Anteriormente, dentro dos padrões oficiais de ensino, tivera oportunidade de receber influências benéficas de grandes nomes, como o físico Sadi

Carnot, o matemático Lagrange e o astrónomo Pierre Simon de Laplace, que muito contribuíram para o equilíbrio em sua personalidade e em sua formação. Agora, nesta nova fase, estuda metodicamente os “Ideólogos” Destutt de Tracy, Cabanis e Volney, bem como os economistas políticos Adam Smith e Jean-Baptiste Say, os historiadores - filósofos David Hume e William Robertson. Mas, quem mais o influenciou transformando-se quase em um pilar único na sua formação, foi Condorcet, cuja obra **“Esboço de um quadro histórico dos progressos de espírito humano”**, abalou, em muito, a estrutura de seu pensamento; foi de vital importância também o facto de, entre os anos de 1817 e 1824 ter sido Secretário de Saint-Simon, adquirindo com isso sua preparação filosófica, um excelente perfil.

Em 1826 seu nome começou a ter projecção, pois em 2 de Abril inaugura o **“Curso de Filosofia Positivista”**, publicado em seis volumes, a partir de 1830. Foram seus alunos algumas das maiores expressões da época, entre eles o psicólogo Jean-Étienne Esquirole e o fisiólogo Henri-Marie de Brainville.

Dezoito anos depois, em 1844, **Clotilde de Vaux** (a musa inspiradora do Positivismo) e Augusto Comte conhecem-se. Surge uma amizade cultural e filosófica entre eles - ambos pendiam para interesses comuns quanto à filosofia a seguir - durando apenas um ano esse convívio, porque, inesperadamente, Clotilde de Vaux vem a falecer.

Augusto Comte, depois de imensa depressão, retoma ao trabalho, transformando a querida amiga em génio inspirador de uma nova religião, cujas bases e ideias príncipes encontram-se nos quatro volumes publicados entre 1851 e 1854: **“Política Positiva ou Tratado de Sociologia Instituído a Religião da Humanidade”** e **“Catecismo Positivista ou Exposição Sumária da Religião Universal”**. Era seu desejo efectuar uma *Reforma Espiritual* profunda, que viesse a conduzir e orientar o ser humano, através de uma verdadeira Ordem Social e Política.

Torna-se necessário esclarecer que o emprego da palavra **Positivismo** data da *Escola de Saint-Simon*, da qual, como é de conhecimento geral, fizera parte Augusto Comte.

Em primeira instância, desejou uma Filosofia da História que, com objectividade e transparência mostrasse as razões que levariam a uma apropriada maneira de raciocínio, a que denominou **“Filosofia Positiva ou**

Pensamento Positivo” e sintetizou na “**Lei dos Três Estados**”, onde todas as ciências, bem como o espírito humano no seu todo, se vão desenvolvendo através de três fases distintas: a *teológica*, a *metafísica* e a *positiva*.

Em segunda instância, uma “**Fundamentação e Classificação das Ciências baseadas na Filosofia Positiva**”. E em terceira, uma “**Sociologia que, determinando a estrutura e os processos de modificação da sociedade, permitisse a reforma prática das Instituições**”, devendo, como foi de sua vontade nos últimos anos de vida “*acrescentar a forma religiosa assumida pelo plano de renovação social*”.

Moldando a sua “**Lei dos Três Estados**”, Augusto Comte acreditava que no *Estado Teológico* reduzia-se, em muito, o número de observações dos fenómenos e, devido a isso, a fertilidade da imaginação humana ganhava espaço cada vez maior. Ao observar a diversidade da natureza, o ser humano apenas se permitia explicar seus fenômenos através do sobrenatural, formalizando ideias sobre deuses e espíritos. Acreditava que esse mesmo ser, ao atingir um tipo de compreensão absoluta, possuiria também, em sua plenitude, o Conhecimento.

O homem sente-se insatisfeito ao imaginar que compreende os fenómenos sobrenaturais que ocorrem em seu redor, sem fazer muito esforço para tentar realmente compreendê-los.

Lado a lado com a funcionalidade da explicação da natureza, toda a explanação, ou se quiserem, mentalidade teológica, sem dúvida viria a desempenhar, com destaque, um sentido prático de coesão social, com fundamento objectivado na moralidade. Com a autoridade em absoluto e confiança nos poderes imutáveis, a explanação formadora da mentalidade teológica possuiria como forma política algo em tomo de uma correspondência monárquica/militar.

Para Augusto Comte, o Estado Teológico estava subdividido em fetichismo, politeísmo e monoteísmo.

Ao analisar o fetichismo encontramos a semelhança da vida espiritual com a humana, obviamente, imputada aos seres naturais. Já o politeísmo separa os seres naturais de suas vidas anímicas, atribuindo ao invisível, ao desconhecido, toda a progressão animada a presenciar. Geralmente diz-se que tudo é obra dos “*habitantes de um mundo superior*”.

E, no monoteísmo, um abismo surge entre todos os seres e seus princípios, fazendo com que o ser humano reuna em uma só divindade, todas as outras possíveis, deixando transparecer que essa fase é uma transição na qual o espírito humano se encontra em busca do estado metafísico. Concebendo, então, a “força física”, a “força química” e a “força vital” para explicar o processo da existência de todos os diferentes grupos de fenómenos, substituindo em parte as “divindades da fase teológica”, chega-se ao segundo período. Nele, a mentalidade metafísica reuniria todas essas forças numa só, a chamada ‘natureza’, unidade que equivaleria ao deus único do monoteísmo”.

Augusto Comte afirma que o estado metafísico possui outros pontos de contacto com o estado teológico, pois ambos seguem em busca de respostas ou soluções absolutas para os problemas que afligem a humanidade. Como diferenciação metodológica está o facto de que a metafísica coloca o abstracto no lugar do concreto e a argumentação no lugar da imaginação.

O Estado Positivo é caracterizado pela “subordinação da imaginação e da argumentação à observação, tendo que corresponder, ou em partícula ou em universo a um fato; feito proposição enunciada em seu modo positivo”.

O segundo tema básico de Augusto Comte é a “**Classificação das Ciências Abstractas**” ou seja, a Matemática, a Astronomia, a Física, a Química, a Biologia e, por fim, a Sociologia, tudo vinculado ao seu propósito de “*Filosofia da História*”.

É na *fundação da Sociologia* que o génio de Augusto Comte oferece ao mundo seu bem mais precioso. Foram inúmeras as polémicas que travou por possuir a certeza da necessidade de trabalhar a “*reorganização das ideias*” porque acreditava que toda a crise intelectual existente no momento fosse devido à crise social, económica, política, cultural e religiosa, que espocava aqui e ali.

Augusto Comte trabalhou efectivamente nessa reorganização, sendo afinal glorificado por isso. Era chamada ciência natural das sociedades e deveria ater-se ao acompanhamento de todo o desenvolvimento das leis que coordenavam o evoluir das ciências. A necessidade de determinar carácter e natureza geral, bem como, estabelecer

métodos de investigação, onde tudo fosse igualmente sistematizado em sua base e fundamentos, trariam essa coordenação e reorganização.

A metodologia a ser utilizada deveria ser a histórica baseada por princípios de organização da natureza humana. Estreitar relações com a Biologia, subdividir em estática e dinâmica e extrair da Mecânica essa organização, levou Augusto Comte a elaborar e aprimorar estudos minuciosos sobre essa mesma estática e sua estrutura sua organização, sua ordem, condições príncipes da sociedade. Enquanto que na dinâmica a vida, o movimento, as funções, o progresso ou se preferirem, o Desenvolvimento foram a base de todo o seu trabalho!

A busca que se empreendeu à época para melhor encontrar um método capaz de levar em consideração o seu Sistema, composto do novo, tanto em sua concepção filosófica quanto na política, religiosa e até moralista, tudo orientado pela profunda e perspicaz observação do conjunto do passado humano, foi de grande monta.

Delineando todo o projecto de desenvolvimento histórico do espírito em busca da realidade, Augusto Comte esclarece que o caminhar evolutivo que acompanha cada ciência segue à risca a periodização dos três estados, não se fazendo, é claro, em todas as instâncias de seus domínios. Como exemplo, apresenta-se o estado metafísico de uma ciência como a Física que não é contemporâneo do estado metafísico da Biologia. Tendo as ciências mn desenvolvimento assintótico jamais alcançam em absoluto a compreensão de seus objectos respectivos.

Obviamente a Sociologia estuda a sociedade com toda a independência dos seres vivos. Segundo Augusto Comte esse processo sociológico é visto como o *“fim essencial de toda a Filosofia Positiva”*.

Chega-se ao ápice do conhecimento humano, segundo Augusto Comte, somente através da Sociologia, culminando com a formulação de um *“sistema verdadeiramente indivisível, onde toda a decomposição é radicalmente artificial (...), tudo relacionando-se com a Humanidade, única concepção completamente universal”*.

Augusto Comte afirmava ser a Sociologia formada pela Economia Política, pela Ética, pela Filosofia da História e pela essência da Psicologia, tendo como aspecto fundamental a distinção entre a estática e a dinâmica sociais. A primeira, debruçando-se sobre os estudos das

condições constantes da sociedade; a segunda, desenvolvendo pesquisas acentuadas, investigando as leis em seu desenvolvimento progressivo.

Fundamentalmente a ideia central da estática é a ordem; da dinâmica, o progresso. Augusto Comte possuía a certeza de que a dinâmica social subordinava-se à estática já que o progresso surgiria da ordem aperfeiçoando todos os elementos vitais permanentes de qualquer sociedade. Entre eles, por exemplo, o acordo entre o poder temporal e o espiritual, a família, a linguagem, a propriedade, a religião, etc.

O terceiro tema básico da filosofia de Augusto Comte é a “Reforma das Instituições”, que possui toda a sua fundamentação teórica na Sociologia, seguidamente elevada à política, culminando com a reforma intelectual do homem; e obviamente sendo esta o alicerce da reorganização de toda a sociedade. Essa busca levou Augusto Comte à evolução de um conceito, concebendo então a formulação da “Religião da Humanidade”: ideal supremo em que investiu os últimos quinze anos da sua existência na terra. Ao elaborar os “Princípios Fundamentais” da nova religião, organizou também um novo calendário e um novo catecismo. Esse calendário foi dividido em *treze meses* recebendo cada um a denominação de um gênio humano tendo também a comemoração dos dias santos dedicados às obras de Shakespeare, Dante, Adam Smith, Xavier de Maistre, etc. Saliente-se que a idéia central da elaboração do novo catecismo previa a substituição do Deus cristão pela Humanidade.

Enquanto no séc. XIX o Posotivismo exerceu larga influência nos círculos europeus, incorporado inclusive a outras correntes análogas, em valorização das ciências naturais e suas aplicações práticas, as primeiras manifestações dessa corrente filosófica, apenas em 1850, tomam corpo Brasil. Isso acontece com a apresentação da tese de doutoramento de Manuel Joaquim Pereira de Sá, na Escola Militar do Rio de Janeiro que versava sobre as ciências físicas e naturais citadas anteriormente.

Em seguida também encontram inspiração na Filosofia Positivista **Joaquim Pedro Manso Sayão** ao defender tese sobre corpos flutuantes e **Manuel Pinto Peixoto**, ao discorrer sobre os princípios do cálculo diferencial.

Mas foi **Luís Pereira Barreto** que, ao abordar “*As três filosofias*” impulsionou o Comtismo no Brasil pois acreditava que essa

nova tendência era a ideal para substituir a “*tutela intelectual exercida no país pela Igreja Católica*”. Mesmo não sendo ortodoxo foi um dos mais destacados defensores da causa.

Miguel Lemos e Raimundo Teixeira Mendes ambos iniciados através das ciências Exactas e da Matemática, quando ainda eram estudantes na escola Politécnica conseguiram perceber que a ciência criada por Augusto Comte seria o alicerce de uma política racional. Acreditavam, inclusive, que com a união das ideias em torno da *Ordem e Progresso* o futuro do país estava assegurado.

Com estrutura bem delineada e definida, no ano de 1876, Miguel Lemos, Raimundo Teixeira Mendes e **Benjamim Constant** fundam a primeira sociedade positivista do Brasil.

No ano seguinte, conseqüência da busca intelectual que empreenderam, Miguel Lemos e Raimundo Teixeira Mendes embarcam para a Cidade-Luz. Em solo parisiense conheceram Émile Littré (que fora o grande discípulo de Augusto Comte, abandonando-o para fundar o Littreísmo) e Pierre Laffite.

Porém, Miguel Lemos, arguto observador, crítico, culto e cientista da sua busca decepcionou-se com o vazio do Littreísmo, tornando-se então fervoroso adepto da *Religião da Humanidade* que era naquele momento dirigida e organizada por Pierre Laffite.

Quando retornou ao Brasil esperançoso de trazer na bagagem a força propulsora que mudaria os destinos da Nação, funda a **Sociedade Positivista do Rio de Janeiro**, origem do **Apostolado Positivista do Brasil**. A finalidade desta, desde a sua fundação, era o aprimoramento e a formação do ser humano que implantaria e modificaria opinião geral por meio de todas e quaisquer intervenções que se fizessem oportunas, em todo e qualquer negócio público. Registe-se que uma dessas interveções importantes foi a que originou a participação do núcleo positivista brasileiro em todo o movimento republicano. Outra foi a efectiva colaboração de seus adeptos na elaboração da Constituição de 1891 e também do facto do Pavilhão Nacional ostentar o lema comteano, até os dias atuais: *Ordem e Progresso*.

Na cidade do Rio de Janeiro, com freqüência eram publicadas as “**Circulares**” onde os positivistas externavam suas ideias ou

asseveravam as suas críticas. Entre alguns dos alvos preferidos, estavam a administração republicana (que fugira da ideia inicial) e suas aberrações; o Barão do Rio Branco e suas atitudes imperialistas e Ruy Barbosa e suas “*ficções metafísico-revolucionárias*”. Mas a maior de todas as críticas foi aquela dirigida aos que defenderam a Guerra do Paraguai. Em artigo de Teixeira Mendes no Jornal do Comércio, do Rio de Janeiro, de 16 de Junho de 1908, em sua secção editorial, aponta o despropósito daquela selvajaria, afirmando que fora um “*monstruoso atentado contra a família, a Pátria e a Humanidade, perpetrado na América do Sul depois que as colónias ibéricas do continente Americano tornaram-se nações independentes*”. Atirando também contra a República, Teixeira Mendes em seu opúsculo “**Ainda contra o ensino obrigatório**” diz que “*...a burguesocracia dominante, quer no Brasil quer no Ocidente tornou a República apenas o prolongamento das ditaduras regalistas oriundas da fatal dissolução do regime católico-feudal. Tudo ficou reduzido a substituir o rei, a nobreza e o clero, pela burguesia constituída em senhor despótico do proletariado...*”.

Em diferentes regiões do país a filosofia positivista foi obtendo adeptos. Em várias cidades do Rio Grande do Sul e de Pernambuco era muito próspera a situação; em S. Paulo, Lorena, Santos, São Roque e Campinas frutificava a olhos vistos. Em cidades de Minas Gerais e do Maranhão a corrente surgiria com força após o ano de 1908.

Foram inúmeras as interferências sociais e políticas efectuadas pelos positivistas no Brasil. Muito extensa é a bibliografia produzida pelos mesmos, como também é farta a bibliografia sobre a doutrina, tanto a favor quanto contra. Uma das obras importantes é aquela que foi apresentada em 1890 à Primeira Constituição da República: “**Bases de uma Constituição Ditatorial para a República Brasileira**” de autoria de Teixeira Mendes e Miguel Lemos.

Em *São Paulo*, o mais ilustre dos seguidores do Positivismo foi sem dúvida **Luís Pereira Barreto**, que desde 1874 trabalhou acirradamente para ver vencedora essa doutrina. São famosas as suas polémicas com a *Faculdade de Direito do Largo de S. Francisco*, pois via aí um antro de fazedores de leis quando, segundo sua opinião, o correcto seria descobri-las. Na *Idade Positiva*, de acordo com a ideia comteana, a subordinação das pesquisas à chamada *Unidade Metódica das Ciências*

faria com que se chegasse a descobertas de leis que seriam o ponto de luminosidade da Humanidade.

Com o passar dos anos ficou visível o esvaziamento do templo do Rio de Janeiro e seus adeptos decidiram traçar um novo caminho no mapa dos seus trabalhos que pudesse levar à população a confiança na doutrina. O respeito e a admiração que existia no País em torno da **Arte Poética** levou-os à certeza sobre qual rumo seguir. Um dos grandes nomes do Positivismo, **Ivan Monteiro de Barros Lins**, encarregado pelo Apostolado iniciou o processo de aproximação de um grande nome da nossa cultura com o Templo na primeira metade da década de trinta.

O Positivismo no Brasil possuía excelente gama de prosadores mas ficara provado que os métodos aplicados não estimulavam a grande massa popular. Faltava-lhes então um Poeta-Maior, *“uma alma sensível que trouxesse consigo a huminiosidade poética e a soberania na investigação filosófica para ofertar ao Apostolado e este ao Brasil a Grande Flor de Inspiração: a contemplação ao Ideal Supremo”!*

Ivan Monteiro de Barros Lins, em Dezembro de 1936 pública um volume em comemoração do Centenário de Benjamin Constant e imediatamente providencia a sua remessa àquele que considerava o grande nome da nossa cultura e o melhor Poeta brasileiro da época: **José Martins Fontes**, nascido em Santos, no litoral do Estado de São Paulo, a 23 de Junho de 1884, Martins Fontes tivera no passado uma aproximação com o Positivismo, graças a seu avô materno, **Francisco Martins dos Santos** (o primeiro do nome) e a seu pai, **Silvério Fontes**.

*“Um das coisas que mais tem faltado até hoje ao positivismo é exatamente um poeta, mas um poeta de verdade, como o grande Martins Fontes”.*¹

Sabia, Ivan Monteiro de Barros Lins da soberania intelectual de Martins Fontes. Queria-o, então, entre os positivistas do momento. E, para isso, foi transbordante na missiva que acompanhava o presente a fim de que não existisse por parte do coração, vulcânico em alegria, do Poeta, nenhuma ressalva!

⁽¹⁾ Lins, Ivan Monteiro de Barros, **Martins Fontes**, 1ª ed., São Paulo, Comissão Glorificadora de Martins Fontes, 1938, p. 24.

Arrebatadamente, Martins Fontes recebe a mensagem e em retribuição providencia o envio de seu magnífico **“No Templo e na Oficina”**, iniciando-se, então, entre eles, uma extensa troca de correspondência.

“Augusto Comte, sempre que pronuncio este nome, tenho a impressão de que me inspiro na bondade do seu génio cíclico, na amplitude do seu saber enciclopédico...”²

Francisco Martins dos Santos, o Primeiro do nome e Silvério Fontes foram simpatizantes (não ortodoxos) da Filosofia Positivista. Ambos exerceram na juventude de Martins Fontes enorme influência, inclusive erguendo alguns alicerces em sua formação. Devido a esse facto, o Poeta já na idade grave possuía ainda muita admiração pela doutrina (como também pelo Socialismo, por igual motivo). Mas, até então, graças à sua forte e decidida personalidade vivia de acordo apenas com os designios de sua natureza, sem seguir quaisquer posturas doutrinárias.

Em seu gabinete de trabalho em sua residência, ao lado dos retratos de seu avô e de seu pai, entre muitos outros, figuravam três. Eram eles: **Augusto Comte, em seu leito de morte, Madame Clotilde de Vaux e Miguel Lemos junto a Teixeira Mendes**. Todos herança de seus ascendentes queridos.

Era enorme o respeito de Martins Fontes pelas grandes figuras da Humanidade, como Marx, Shakespeare e claro, Augusto Comte.

“Foi ele o primeiro a dar à Idade Média o seu real valor. Como na sua religião demonstrável a mulher ocupa a supremacia, a cavalaria medieval glorificando-a, não podia deixar de empolgar, de apaixonar a alma heróica do maior dos filósofos, do poeta que viveu perpetuamente, num surto de razão abstracta, do divinizado da Humanidade, o Grande Ser do nosso culto...”³

Martins Fontes abatera-se muito aquando do falecimento de seu avô materno mas foi quando seu pai morreu, em 1928 que a vida passou a lhe parecer fútil, profana, absurda para ser contempla. Foram meses de

⁽²⁾ Martins Fontes, José, **No Templo e na Oficina**, 1ª ed., Santos, Estabelecimento Gráfico Radium, 1927, p. 61.

⁽³⁾ Martins Fontes, José, **No Templo e na Oficina**, 1ª ed., Santos, Estabelecimento Gráfico Radium, 1927, p. 77.

muita dor e angústia. Apegou-se a tudo aquilo que seu pai admirava. Reviu saudoso as idas ao Apostolado quando era estudante no Rio de Janeiro. Recordou as peregrinações com os adeptos, aos túmulos dos positivistas. Mergulhou enfim em todas as imagens possíveis para manter viva em sua memória a grandeza do seu amado progenitor.

Ao iniciar o diálogo literário, no ano de 1936, com Ivan Monteiro de Barros Lins, sentiu-se profundamente atraído pela possibilidade de reacender a chama que o levaria a enxergar novamente o rosto do ‘velhinho adorado’:

“Escrevo lhe para lhe pedir que, se puder, me mande o livro de Madame Clotilde de Vaux, traduzido por Teixeira Mendes - Pensamentos de uma flor. Depois da morte de meu pai ofereci à Sociedade Humanitária dos Empregados do Comércio, em Santos, a nossa completa livraria positivista. Realizámos este sonho! Há dias lá procuro o nosso precioso exemplar, autografado por Teixeira Mendes e não o encontro naquele mundo. Com que prazer, lendo a sua Introdução revejo a parte bibliográfica! Minha casa, nossa Casa! Meu Pai! Assaltou-me a ideia (se é que você acha que posso tentar tão alto voo) de traduzir os Pensamentos de uma Flor. Além desta jóia, por indicação sua, tentarei outras traduções, vulgarizações em verso, à minha moda, com os meus processos. Se nada conseguisse, pelo menos isto estreitaria as nossas relações de amizade. Fui discípulo do Dr. Octávio Carneiro e freqüentador do Apostolado. Nunca apertei a mão de Teixeira Mendes, por timidez. Ele porém, me conhecia, pelos nossos semanais encontros no Cemitério de São João Baptista...”⁴

Augusto Comte pedia a seus discípulos que estudassem com profundidade todas as suas ideias e teorias, popularizando-as, para que qualquer pessoa pudesse compreendê-las. Salientava também a importância da propaganda a ser efectuada e a nobreza necessária na dicção dos oradores que, com vigor, cultura e versatilidade seriam excelentes condutores de ideias.

⁽⁴⁾ Lins, Ivan Monteiro de Barros, **Martins Fontes**, 1ª ed., São Paulo, Comissão Glorificadora de Martins Fontes, 1938, p. 21-22.

Martins Fontes, pensavam os positivistas, seria a força propulsora, a mola mestra dessa nova fase que surgia então, pois reunia todas as qualidades, sob o aspecto comteano.

“...Poeta, como ninguém, coração de ouro, servido por belíssima inteligência e magnífica cultura, quem, melhor do que Martins Fontes pode consagrar-se a essa causa nobilíssima que tem em vista o bem da Humanidade inteira?..”⁵

Martins Fontes possuía o “*dom do Belo*” que em filosofia significa sensibilidade, imaginação, inspiração. Ivan Monteiro de Barros Lins, ciente dessas qualidades incentivou, através de correspondência, a aproximação do poeta ao Positivismo. E este, movido pela saudade, sentiu que seria uma das maneiras, entre tantas que tinha em mente, de homenagear o querido pai. Aderindo ao positivismo, oferecendo-lhe o fruto do seu talento artístico, ofertaria todo o amor de seu coração à memória do ente querido.

“Em 11 de Abril ⁶, ao enviar-me a cópia de doze sonetos, dizia-me Abraão Netto, amigo querido de Martins Fontes, a quem é, como sabeis, dedicado o “Sol das Almas”: “Nestes sonetos o senhor verificará a crise e o começo da iniciação. O Fontes vai para o positivismo pelo coração...”

... já tem doze poesias do livro “Nos jardins de Augusto Comte”. A balada sobre a Virgem-Mãe é linda! Escrevo-lhe em casa dele, mas ele não sabe. Está lendo Jorge Lagarrigue há talvez duas horas...”⁷

A febre da criação toma conta de Martins Fontes, transformando-se em desejo imediato a preparação de uma trilogia em homenagem ao Positivismo: **A Canção de Ariel; Nos Jardins de Augusto Comte e Calendário Positivista.**

Era necessário que, para dominar as profundas concepções do filósofo Augusto Comte, surgisse uma linguagem amplamente nova ou um

⁽⁵⁾ Lins, Ivan Monteiro de Barros, **Martins Fontes**, 1ª ed., São Paulo, Comissão Glorificadora de Martins Fontes, 1938, p. 27.

⁽⁶⁾ Lins, Ivan Monteiro de Barros, **Martins Fontes**, 1ª ed., São Paulo, Comissão Glorificadora de Martins Fontes, 1938, p. 27.

⁽⁷⁾ Lins, Ivan Monteiro de Barros, **Martins Fontes**, 1ª ed., São Paulo, Comissão Glorificadora de Martins Fontes, 1938, p. 45.

ser instruído e culto que as pudesse explicar. Para o Positivismo no Brasil **José Martins Fontes** foi esse artista. E qual não foi uma surpresa que a notícia da morte do grande Poeta causou no Apostolado?

“Não me abalanco, minhas senhoras e meus senhores, a emitir um juízo, por mínimo e mais despretensioso que seja, acerca da adesão de Martins Fontes a esse sistema universal de educação, que é o Positivismo ou Religião da Humanidade.

O que todos, porém, podem perfeitamente ajuizar é a incomparável perda que nesse poeta enorme pelo coração, pela inteligência e pelo carácter, sofreu o Positivismo, exatamente quando, para ele, caminhava a passos largos...

...Embora, ai de nós - apenas num lapso de tempo extremamente curto menos de seis meses, teve Martins Fontes a glória de empreender, entre nós, a vulgarização poética das concepções desse filósofo, que se nos apresenta na convulsa sociedade moderna, como um rochedo inabalável, perdido entre os recifes do Oceano e encimado por um farol a indicar a rota aos nautas surpreendidos e acossados pela tormenta...”⁸

Assim como quando editou **I Fioretti** homenageando São Francisco de Assis, Martins Fontes rendeu tributos a Augusto Comte com a publicação da trilogia Positivista. O Poeta-Maior possuía verdadeira adoração pelos seus entes queridos e por seus amigos próximos e a eles devotava a sua produção literária. **I Fioretti** foi dedicada a sua Mãe, e a trilogia: **A Canção de Ariel, Nos Jardins de Augusto Comte e Calendário Positivista**, a seu Pai. Este Poeta Lusófono era ao mesmo tempo um grande artista e uma alma liberta dos preconceitos da Vida! Sem ser católico ou Positivista de facto! Pois era um Cristão e sua verdadeira religião: a Amizade!

HOMERO

E o sol desponta! Finda a teocracia,
A Humanidade, ansiosamente, o espera!
E, á canção auroral da Primavera,
Na Hélade, sempre em flor, nasce a Poesia!

⁽⁸⁾ Lins, Ivan Monteiro de Barros, **Martins Fontes**, 1ª ed., São Paulo, Comissão Glorificadora de Martins Fontes, 1938, pp. 61 e 69.

Pelas praias de Chio ou de Cythera,
 Clara, alando-se, altíssima, a harmonia,
 Em rapsódias, intérminas, sorria,
 Em rugidos se acende e se acelera!

Quem será que, a cantar, mostra o denodo,
 E de um deus pobre ou de pastor supemo,
 Na velhice encantada, tem o todo?

Ele, por quem, rimando, me governo,
 O guia-cego, o mágico lirodo,
 O imenso Homero, nosso Padre Eterno!⁹

Augusto Comte morreu em 5 de Setembro de 1857. Quase oitenta anos depois, 25 de Junho de 1937, Martins Fontes deixou inacabado o Calendário Positivista, partindo também para os

NOS REINOS DO INVISÍVEL

Como vivem milhares e milhares
 De entes na terra, assim, sem o saberes,
 Deverão existir, povoando ao ares
 Maravilhosos, invisíveis seres.

Tendo formas diversas, singulares,
 Estranhos todos, lindos pareceres
 Possuirão, esses nossos avatares
 Outras aspirações, outros deveres.

Vindos de milenária procedência,
 De desencarnações, heterogêneos,
 Sobem, graduam-se em resplandecência.

Contarão os seus dias por decénios,
 E, iluminados, em clarividência,
 No seu duplo sentido, serão génios.¹⁰

⁽⁹⁾ Martins Fontes, José, **Calendário Positivista**, 1ª edição, São Paulo, Comissão Glorificadora de Martins Fontes, Elvino Pocai, Junho de 1938, p. 49.

⁽¹⁰⁾ Martins Fontes, José, **A Canção de Ariel**, 1ª edição, São Paulo, Comissão Glorificadora de Martins Fontes, Elvino Pocai, Junho de 1938, p. 12.

Porque sofres não sabes; porém, triste,
 Prevés que, sendo a síntese do mundo.
 Cosmicamente a morte não existe.¹¹

Sua expansividade na opulência da fala e da escrita deixa os Positivistas certos de que, finalmente, haviam encontrado quem os representasse com vigor. O lirismo, a musicalidade, o cintilante verbo que apontava a perfeição, fez com que o Apostolado caísse de joelhos, em admiração.

A estrutura de princípios, a virtude e o respeito pela condição humana levaram-no a superar-se na forma, no ritmo, na métrica. A inspiração estava nele, multiplicando-se... aspirava novamente às alturas toda a sua natureza de pássaro liberto.

O fogo impetuoso que tomou a sua mente, inflamado por Ivan Monteiro de Barros Lins, deu-lhe após muito tempo de abatimento moral, a confiança necessária para a Criação da Obra de Arte! Era um teórico do Conhecimento, um breviário de Filosofia, insuflado:

RAMO DAS VIOLETAS DO MEU CULTO SOBRE A CAMPA EM QUE JAZ TEIXEIRA MENDES

Ao prof. J.J. Silveira

*Mestre, florindo a tua sepultura,
 Em nossa Mãria, Altar da Humanidade,
 A reverência o coração me invade.
 Da maneira mais tímida e mais pura.*

*Sacerdote, elevando a criatura,
 Foste, pelo saber, pela bondade,
 A mais alta expressão da santidade,
 O mais límpido exemplo da cultura!*

⁽¹¹⁾ Martins Fontes, José, **A Canção de Ariel**, 1ª edição, São Paulo, Comissão Glorificadora de Martins Fontes, Elvino Pocai, Junho de 1938, p. 67.

*Em teu valor moral cristalizou-se
Tudo quanto conheço de sagrado,
E, ao mesmo tempo, intimamente doce.*

*Penso, evocando o teu apostolado,
Na glória do Brasil se sempre fosse
Pela tua virtude governado!¹²*

Os positivistas envaideceram-se e elogiaram Ivan Monteiro de Barros Lins por sua acertada escolha: Martins Fontes engrandeceria a História do Positivismo no Brasil de um modo jamais imaginado.

Em correspondência, Martins Fontes afirma ao amigo Ivan Monteiro de Barros Lins:

“A notícia alegre é que comecei a fazer o Calendário Positivista em verso. Já estou em Anaximandro, mês de Aristóteles, terceiro do ano, consagrado à Filosofia Antiga. Esta empresa é quase uma loucura porque não sei se terei vida para tão grande esforço. Sigo o plano de Avezac-Lavigne, segundo Harrison. Além desta risca, porém, leio tudo quanto tenho e quanto posso, para fazer o retrato da personalidade, realçando o seu contingente para o patrimônio humano. Como te falo, francamente, de coração aberto, acho que, até hoje, tenho sido sempre feliz. Nunca fui mesmo tão feliz. Estes dois meses, a Teocracia Inicial e a Poesia Antiga têm achados, surpresas. Bem calcularás que variedade é precisa para não cair na monotonia, tanto de rimário quanto de vocabulário, como de invenção conforme dizem os espanhóis. Obra de fôlego! Para esta formidável realização pensei em solicitar a colaboração de todos os positivistas ficando cada um encarregado de fazer a súmula de um mês, de modo a simplificar, vulgarizar, doutrinar, servir. Esta obra seria em dois volumes compactos mas indispensáveis em todas as bibliotecas. Conversa com amigos. Consulta-os. O David Carneiro está encantado com a ideia. Assim, todos os nossos nomes estariam reunidos no Brasil imenso. Esta era a melhor maneira de nos conhecermos em cenáculo, embora longe. Como sempre o resultado teria um grande fim, redundaria numa homenagem a Tiradentes, a Benjamin Constant,

⁽¹²⁾ Martins Fontes, José, **Nos Jardins de Augusto Comte**, 1ª edição, São Paulo, Comissão Glorificadora de Martins Fontes, Elvino Pocai, Junho de 1938, p. 79.

*a Miguel Lemos, a Teixeira Mendes, a Mariano de Oliveira. O Jefferson que decida. Sou chamado, com urgência, ao Isolamento*¹³.
*Interrompo, bem contra vontade esta deliciosa prosa...*¹⁴

Entre os fazeres clínicos, que eram muitos em seu dia a dia, e o descanso, sacrificou, obviamente, esta segunda possibilidade. Diminuiu as horas de sono nas madrugadas para que pudesse em transbordantes versos, levar ao papel a sua adoração pelo Positivismo.

Em oito semanas concluiu **A Canção de Ariel**, sendo sua parte final toda inspirada no Mestre. **Nos Jardins de Augusto Comte** consumiu-lhe outras oito semanas. Para o **Calendário Positivista** imaginava muito tempo de dedicado labor. Teria a homenagem quinhentos e cinquenta e oito personagens, o mesmo número que compõe o histórico Calendário de Augusto Comte.

*“Vinha de longe a atração que, sobre Martins Fontes exercia esse Calendário, o mais perfeito, sob o prisma científico, segundo o proclamou, recentemente, a Sociedade das Nações, após um inquérito em que foram ouvidos todos os grandes países do mundo...”*¹⁵

Possuía uma latente veia criadora, alçando seu estro a imensas alturas nos domínios da beleza. Tinha também o dom de enxergar a essência das coisas e seres e lançava às mancheias, devido ao fulgor da inteligência e à enorme capacidade de compreender as nuances da vida, o melhor de sua mente e de seu coração. Sua afectividade em matéria, espírito e sonho, encantava.

Dominante, de intenso conteúdo, tanto estético quanto moral e filosófico, permitiu que o papel guardasse para sempre a refulgência sem par de seus versos:

PIEADADE

Iludir, a iludir-te, eis todo o intento.
Pairando além dos mundanários miasmas,

⁽¹³⁾ Hospital do Isolamento, actualmente Hospital Guilherme Álvaro.

⁽¹⁴⁾ Lins, Ivan Monteiro de Barros, **Martins Fontes**, 1ª ed., São Paulo, Comissão Glorificadora de Martins Fontes, 1938, p. 58-59.

⁽¹⁵⁾ Lins, Ivan Monteiro de Barros, **Martins Fontes**, 1ª ed., São Paulo, Comissão Glorificadora de Martins Fontes, 1938, p. 70.

Em rimas de ouro nos teus versos plasmas
As miragens do eterno encantamento.

Cantas. E de tal modo te entusiasmas
Que, na explosão do teu temperamento,
Sonhos incríveis desfolhando ao vento
O planeta povoa de fantasmas.

Em lúcida loucura, alheio ao gozo
Alcanças quase a redenção budista
Deserdado, infeliz, irreligioso.

Amas e sofres. E, em verdade, artista
Nem és tu mais do que um incrêu piedoso,
Ou do que um velho e místico anarquista.¹⁶

Sua floração verbalizada lembra-nos a exploração radiosa de um Beethoven ou o encanto de um verso melódico altamente declamatório de nuances ricas em sutileza de timbres e texturas do hipermago Amaral Vieira.

CÓMICA

A Vida! A Vida! A Vida! Indefinida,
Eterna! Obedecendo à mesma norma,
Apesar da aparência que a deforma,
Tudo é força envolvente, tudo é Vida!

A potência do todo, na reforma
Individual, opera, transfundida:
No vertiginosismo da corrida,
Nada se perde, apenas se transforma.

Morrem milhões de Vidas, num segundo,
Em ti, e a mutação não pressentiste,
Tanto se mostra o seu poder profundo.

Porque sofres não sabes; porém, triste,
Prevês que, sendo a síntese do mundo.
Cosmicamente a morte não existe.¹⁷

⁽¹⁶⁾ Martins Fontes, José. **A Canção de Ariel**, 1ª edição, São Paulo, Comissão Glorificadora de Martins Fontes, Elvino Pocai, Junho de 1938, p. 41.

⁽¹⁷⁾ Martins Fontes, José. **A Canção de Ariel**, 1ª edição, São Paulo, Comissão Glorificadora de Martins Fontes, Elvino Pocai, Junho de 1938, p. 67.

Sua expansividade na opulência da fala e da escrita deixa os Positivistas certos de que, finalmente, haviam encontrado quem os representasse com vigor. O lirismo, a musicalidade, o cintilante verbo que apontava à perfeição, fez com que o Apostolado caísse de joelhos, em admiração.

A estrutura de princípios, a virtude e o respeito pela condição humana levaram-no a operar-se na forma, no ritmo, na métrica. A inspiração estava nele, multiplicando-se... aspirava novamente às alturas toda a sua natureza de pássaro liberto.

O fogo impetuoso que tomou a sua mente, inflamado por Ivan Monteiro de Barros Lins, deu-lhe após muito tempo de abatimento moral, a confiança necessária para a Criação da Obra de Arte! Era um teórico do Conhecimento, um breviário de Filosofia, insuflado:

RAMO DAS VIOLETAS DO MEU CULTO SOBRE A CAMPA EM QUE JAZ TEIXEIRA MENDES

Ao prof. J.J. Silveira

*Mestre, florindo a tua sepultura,
Em nossa Mãtria, Altar da Humanidade,
A reverência o coração me invade.
Da maneira mais tímida e mais pura.*

*Sacerdote, elevando a criatura,
Foste, pelo saber, pela bondade,
A mais alta expressão da santidade,
O mais límpido exemplo da cultura!*

*Em teu valor moral cristalizou-se
Tudo quanto conheço de sagrado,
E, ao mesmo tempo, intimamente doce.*

*Penso, evocando o teu apostolado,
Na glória do Brasil se sempre fosse
Pela tua virtude governado!¹⁸*

⁽¹⁸⁾ Martins Fontes, José. **Nos Jardins de Augusto Comte**, 1ª edição, São Paulo, Comissão Glorificadora de Martins Fontes, Elvino Pocai, Junho de 1938, p. 79.

Os positivistas envaideceram-se e elogiaram Ivan Monteiro de Barros Lins por sua acertada escolha: Martins Fontes engrandeceria a História do Positivismo no Brasil de um modo jamais imaginado.

HOMERO

*E o sol desponta! Finda a teocracia,
A Humanidade, ansiosamente, o espera!
E, á canção aurotal da Primavera,
Na Hélade, sempre em flor, nasce a Poesia!*

*Pelas praias de Chio ou de Cythera,
Clara, alando-se, altíssima, a harmonia,
Em rapsódias, intérminas, sorria,
Em rugidos se acende e se acelera!*

*Quem será que, a cantar, mostra o denodo,
E de um deus pobre ou de pastor superno,
Na velhice encantada, tem o todo?*

*Ele, por quem, rimando, me governo,
O guia-cego, o mágico lirodo,
O imenso Homero, nosso Padre Eterno!¹⁹*

Augusto Comte morreu em 5 de Setembro de 1857. Quase oitenta anos depois, a 25 de Junho de 1937, Martins Fontes deixou inacabado o Calendário Positivista, partindo também para os

NOS REINOS DO INVISÍVEL

*Como vivem milhares e milhares
De entes na terra, assim, sem o saberes,
Deverão existir, povoando ao ares
Maravilhosos, invisíveis seres.*

⁽¹⁹⁾ Martins Fontes, José. **Calendário Positivista**, 1ª edição, São Paulo, Comissão Glorificadora de Martins Fontes, Elvino Pocai, Junho de 1938, p. 49.

*Tendo formas diversas, singulares,
Estranhos todos, lindos pareceres
Possuirão, esses nossos avatares
Outras aspirações, outros deveres.*

*Vindos de milenária procedência,
De desencarnações, heterogéneos,
Sobem, graduam-se em resplandecência.*

*Contarão os seus dias por decénios,
E, iluminados, em clarividência,
No seu duplo sentido, serão génios.²⁰*

Devido a esse facto, o Poeta já na idade grave possuía ainda muita admiração pela doutrina (como também pelo Socialismo, por igual motivo). Mas, até então, graças à sua forte e decidida personalidade vivia de acordo apenas com os desígnios de sua natureza, sem seguir quaisquer posturas doutrinárias.

Em seu gabinete de trabalho em sua residência, ao lado dos retratos de seu avô e de seu pai, entre muitos outros, figuravam três. Eram eles: **Augusto Comte, em seu leito de morte, Madame Clotilde de Vaux e Miguel Lemos junto a Teixeira Mendes.** Todos herança de seus ascendentes queridos.

Era enorme o respeito de Martins Fontes pelas grandes figuras da Humanidade, como Marx, Shakespeare e claro, Augusto Comte.

“Foi ele o primeiro a dar à Idade Média o seu real valor. Como na sua religião demonstrável a mulher ocupa a supremacia, a cavalaria medieval glorificando-a, não podia deixar de empolgar, de apaixonar a alma heróica do maior dos filósofos, do poeta que viveu perpetuamente, num surto de razão abstracta, do divinizado da Humanidade, o Grande Ser do nosso culto...”²¹

Martins Fontes abatera-se muito aquando do falecimento de seu avô materno mas foi quando seu pai morreu, em 1928 que a vida passou

⁽²⁰⁾ Martins Fontes, José. **A Canção de Ariel**, 1ª edição, São Paulo, Comissão Glorificadora de Martins Fontes, Elvino Pocai, Junho de 1938, p. 12.

⁽²¹⁾ Martins Fontes, José. **No Templo e na Oficina**, 1ª edição, Santos, Estabelecimento Gráfico Radium, 1927, p. 77.

a lhe parecer fútil, profana, absurda para ser contemplada. Foram meses de muita dor e angústia. Apegou-se a tudo aquilo que seu pai admirava. Reviu saudoso as idas ao Apostolado quando era estudante no Rio de Janeiro. Recordou as peregrinações com os adeptos, aos túmulos dos positivistas. Mergulhou enfim em todas as imagens possíveis para manter viva em sua memória a grandeza do seu amado progenitor.

Ao iniciar o diálogo literário, no ano de 1936, com Ivan Monteiro de Barros Lins, sentiu-se profundamente atraído pela possibilidade de reacender a chama que o levaria a enxergar novamente o rosto do ‘velhinho adorado’:

“Escrevo-lhe para lhe pedir que, se puder, me mande o livro Madame Clotilde de Vaux, traduzido por Teixeira Mendes - Pensamentos de uma Flor. Depois da morte de meu pai ofereci à Sociedade Hamanitária dos Empregados do Comércio, em Santos, a nossa completa livraria positivista. Realizámos este sonho! Há dias lá procuro o nosso precioso exemplar, autografado por Teixeira Mendes e não o encontro naquele mundo. Com que prazer, lendo a sua Introdução revejo a parte bibliográfica! Minha casa, nossa Casa! Meu Pai! Assaltou-me a ideia (se é que você acha que posso tentar tão alto voo) de traduzir os Pensamentos de uma Flor. Além desta jóia, por indicação sua, tentarei outras traduções, vulgarizações em verso, à minha moda, com os meus processos. Se nada conseguisse, pelo menos isto estreitaria as nossas relações de amizade. Fui discípulo do Dr. Octávio Carneiro e freqüentador do Apostolado. Nunca apertei a mão de Teixeira Mendes, por timidez. Ele porém, me conhecia, pelos nossos semanais encontros no Cemitério de São João Baptista...”²²

Augusto Comte pedia a seus discípulos que estudassem com profundidade todas as suas idéias e teorias, popularizando-as, para que qualquer pessoa pudesse compreendê-las. Salientava também a importância da propaganda a ser efectuada e a nobreza necessária na dicção dos oradores que, com vigor, cultura e versatilidade seriam excelentes condutores de idéias.

⁽²²⁾ Lins, Ivan Monteiro de Barros, **Martins Fontes**, 1ª ed., São Paulo, Comissão Glorificadora de Martins Fontes, 1938, p. 21-22.

Martins Fontes, pensavam os positivistas, seria a força propulsora, a mola mestra dessa nova fase que surgia então, pois reunia todas as qualidades, sob o aspecto comteano.

“...Poeta, como ninguém, coração de ouro, servido por belíssima inteligência e magnífica cultura, quem, melhor do que Martins Fontes pode consagrar-se a essa causa nobilíssima que tem em vista o bem da Humanidade inteira?...”²³

Martins Fontes possuía o “*dom do Belo*” que em filosofia significa sensibilidade, imaginação, inspiração. Ivan Monteiro de Barros Lins, ciente dessas qualidades incentivou, através de correspondência, a aproximação do poeta ao Positivismo. E este, movido pela saudade, sentiu que seria uma das maneiras, entre tantas que tinha em mente, de homenagear o querido pai. Aderindo ao positivismo, oferecendo-lhe o fruto do seu talento artístico; ofertaria todo o amor de seu coração à memória do ente querido.

“Em 11 de Abril²⁴, ao envair-me a cópia de doze sonetos dizia-me Abraão Netto, amigo querido de Martins Fontes, a quem é, como sabeis, dedicado o “Sol das Almas”: “Nestes sonetos o senhor verificará a crise e o começo da iniciação. O fontes vai para o positivismo pelo coração...”

...já tem doze poesias do livro “Nos jardins de Augusto Comte”. A balada sobre a Virgem-Mãe é linda! Escrevo-lhe em casa dele, mas ele não sabe. Está lendo Jorge Lagarrigue há talvez duas horas...”²⁵

A febre da criação toma conta de Martins Fontes, transformando-se em desejo imediato a preparação de uma trilogia em homenagem ao Positivismo: **A Canção de Ariel; Nos Jardins de Augusto Comte e Calendário Positivista**.

Era necessário que, para dominar as profundas concepções do filósofo Augusto Comte, surgisse uma linguagem amplamente nova ou um ser instruído e culto que as pudesse explicar. Para o Positivismo no Brasil

⁽²³⁾ Lins, Ivan Monteiro de Barros, **Martins Fontes**, 1ª ed., São Paulo, Comissão Glorificadora de Martins Fontes, 1938, p.

⁽²⁴⁾ Lins, Ivan Monteiro de Barros, **Martins Fontes**, 1ª ed., São Paulo, Comissão Glorificadora de Martins Fontes, 1938, pp. 61 e 69.

⁽²⁵⁾ Martins Fontes, José. Nos Jardins de Augusto Comte, 1ª edição, São Paulo, Comissão Glorificadora de **Martins Fontes**, 1938, p.17-18.

José Martins Fontes foi esse artista. E qual não foi a surpresa que a notícia da morte do grande Poeta causou no Apostolado?

“Não me abalanço, minhas senhoras e meus senhores, a emitir um juízo, por mínimo e mais desprezioso que seja, acerca da adesão de Martins Fontes a esse sistema universal de educação, que é o Positivismo ou Religião da Humanidade.

O que todos, porém, podem perfeitamente ajuizar é a incomparável perda que nesse poeta enorme pelo coração, pela inteligência e pelo caráter, sofreu o Positivismo, exactamente quando, para ele, caminhava a passos largos...

...Embora, ai de nós - apenas num lapso de tempo extremamente curto menos de seis meses teve Martins Fontes a glória de empreender, entre nós, a vulgarização poética das concepções desse filósofo, que se nos apresenta na convulsa sociedade moderna, como um rochedo inabalável, perdido entre os recifes do Oceano e encimado por um farol a indicar a rota aos nautas surpreendidos e acoçados pela tormenta...”²⁶

Assim como quando editou **I Fioretti** homenageando São Francisco de Assis, Martins Fontes rendeu tributos a Augusto Comte com a publicação da trilogia Positivista. O Poeta-Maior possuía verdadeira adoração pelos seus entes queridos e por seus amigos próximos e a eles devotava a sua produção literária. **I Fioretti** foi dedicada a sua Mãe, e a trilogia: **A Canção do Ariel, Nos Jardins de Augusto Comte e Calendário Positivista**, a seu Pai. Este Poeta Lusófono era ao mesmo tempo um grande artista e uma alma liberta dos preconceitos da Vida! Sem ser católico ou Positivista de facto! Pois era um Cristão e sua verdadeira religião: a Amizade!

NO ÁTRIO DA CASA DA RUE-MONSIEUR-LE-PRINCE, NUMERO 10; EM PARIS

*Meu Pai, consente que eu, com fervor que me abraça,
Me ajoelhe no limiar da tua ilustre Casa,*

⁽²⁶⁾ Lins, Ivan Monteiro de Barros, **Martins Fontes**, 1ª ed., São Paulo, Comissão Glorificadora de Martins Fontes, 1938, pp. 61 e 69.

*Templo da Rue Monsieur Le Prince, onde, sonhando,
 Para a glória comum, num tempo miserando,
 Realizaste o maior surto da Humanidade,
 Criaste a Religião da Fraterna Amizade!
 E, herói sacerdotal, dando tu mesmo o exemplo
 Da virtude no amor, elevaste o teu templo!
 Mestre, permite que eu, entre lágrimas, reze,
 Provando a gratidão que, no Père Lachaise
 Tantas vezes senti, junto do teu sepulcro,
 Ao pé de tua Filha e Anjo da Guarda e pulcro
 Lírio do nosso amor na trindade Sofia,
 Rosália, tua Mãe e Clotilde, a Poesia!
 Mestre, eu tenho sofrido a mais negra amargura,
 Porque a imaginação alucina e tortura.
 Por espinhais vaguei, adoidado. Perdi-me.
 Mas esqueço o passado e entro a porta sublime
 Do teu antigo lar, crente, aceitando a sorte,
 De que absoluto existe unicamente a morte.
 Mestre, eu já quis ser monge e pensei no suicídio.
 Pela questão social quase chego ao presidio.
 Em contínua revolta, em constante afoiteza,
 Cem mil vezes feri, frente a frente, a incerteza.
 Sem repouso, sem paz, sem tremor, sem deslize,
 Como consolação, quase ao termo da crise,
 De novo te encontrei e segui teus conselhos.
 E, agora, para sempre, aqui me tens, de joelhos.²⁷*

A expansividade na Vida, a esperança na realização dos sonhos íntimos e a determinação na oferta das palavras e gestos que acalentavam o sofrimento humano, enfim tudo, tudo concorria para que mais o Apostolado o admirasse.

Os adeptos ficaram surpresos quando souberam que em Santos o domínio exercido por sua personalidade era imenso. Tanto o médico quanto o artista era idolatrado de modo nabalesco.

⁽²⁷⁾ Martins Fontes, José. Nos Jardins de Augusto Comte, 1ª edição, São Paulo, Comissão Glorificadora de **Martins Fontes**, 1938, p.17-18.

Inclusive causa-lhes espanto o facto de que enorme qualidade de pessoas se dispusessem a acompanhá-lo pelas ruas, recebendo dele, em retribuição, palavras doces, acalentadoras e versos radiosos.

Martins Fontes preencheu o officio, nos corredores das enfermarias e nos quartos, dos hospitais, de um piedoso labor de curar; esbanjou tesouros nos brancos papéis que a vida lhe pôs perto da mãos; espalhou em verso e prosa todo o Amor que existia em sua Humanidade.

BIBLIOGRAFIA

- CALISTO, Rui. **Martins Fontes; Estudante do Rio de Janeiro - Aspectos Inéditos**. In: *Notícia Bibliográfica e Histórica*. Campinas, PUC, Ano XXX, Julho-Setembro 1998, pp. 265-278.
- CALISTO, Rui. **Martins Fontes: O Universo do Poeta**. In.: Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. São Paulo, Vol. XCI, 1995, pp. 112-141.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. 4ª ed. São Paulo, Editora Ática S.A., 1995, p. 440.
- COELHO, Ruy. **Indivíduo e Sociedade na teoria de Augusto Comte**. In.: FFCLUSP, Sociologia II, nº 2, Boletim nº 297, 1967, p.127.
- COMTE, Augusto. **Catecismo Positivista**. In.: **Os Pensadores**. São Paulo, Abril Cultural, 1978, pp. 117-318.
- COMTE, Augusto. **Curso de Filosofia Positivista**. In.: **Os Pensadores**. São Paulo, Abril Cultural, 1978, pp. 1-39.
- COMTE, Augusto. **Discurso Preliminar sobre o conjunto do Positivismo**. In.: **Os Pensadores**. São Paulo, Abril Cultural, 1978, pp. 95-115.
- COMTE, Augusto. **Discurso sobre o espírito Positivo**. In.: **Os Pensadores**. São Paulo Cultural, 1978, pp. 41-94.
- COSTA, J. Cruz. **Augusto Comte e as origens do Positivismo**. 1ª ed. São Paulo, José Magalhães Ltda, Coleção da “Revista de História”, I, 1951, p. 69.
- COSTA, J. Cruz. **O Positivismo na República**. In.: *Revista de História*. São Paulo, nº 16, Ano IV, Outubro-Dezembro, 1953, pp. 289-316.
- GIANNOTTI, José Arthur. **Comte**. In.: **Os Pensadores**. São Paulo, Abril Cultural, 1978, pp. VI-XVIII.
- LINS, Ivan Monteiro de Barros. **Martins Fontes**. 1ª ed. São Paulo, Comissão Glorificadora de Martins Fontes, 1938, p. 91.

- MARTINS Fontes, José. **A Canção de Ariel**. 1ª ed. São Paulo, Comissão Glorificadora de Martins Fontes - Elvino Pocai, Junho de 1938, 122p.
- MARTINS Fontes, José. **Calendário Positivista**. 1ª ed. São Paulo, Comissão Glorificadora de Martins Fontes - Elvino Pocai, Junho de 1938, 114p.
- MARTINS Fontes, José. **No Templo e na Oficina**. 1ª ed. Santos, Estabelecimento Gráfico RADIUM, 1927, 185p.
- MARTINS Fontes, José. **Nos Jardins de Augusto Comte**. 1ª ed. São Paulo, Comissão Glorificadora de Martins Fontes, 1938, 187p.
- O escultor Brasileiro Cândido Caetano de Almeida Reis e suas relações com à Igreja Positivista do Brasil**. 1ª ed. Rio de Janeiro, Templo da Humanidade, Igreja Positivista do Brasil, nº 5, ano 70/136, 1924, p. 79.
- REALE, Miguel. **Pedro Lessa e a Filosofia Positiva em São Paulo**. In.: **Juristas Brasileiros**. 1ª ed. São Paulo, Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, 1960, pp. 55-90.
- RIBEIRO JÚNIOR, João. **Os duzentos anos do fundador da Sociologia: Augusto Comte (1798-1998)**. In.: **Notícia Bibliográfica e Histórica**. Campinas, PUC, Ano XXX, nº 170, Julho-Setembro, 1998, pp. 215-220.
- RICKERT, Heinrich. **Introducción a los problemas de la filosofía de la Historia**. Buenos Aires, Editorial Nova, 1971, p. 158.
- SOUTO, Silvio Vieira. **Estrofes...** 1ª ed. Rio de Janeiro, Marques Araújo & Cª, 3 Guttemberg 69/135, 15 de Agosto de 1923, p. 35.

